
† APRESENTAÇÃO †

Este número de Retratos vem em um contexto político e econômico de imensos desafios para os avanços recentemente conquistados pelas categorias sociais rurais no Brasil. Indiscutivelmente, nas áreas de segurança alimentar, educação, assistência técnica, mercados e políticas públicas em geral, a agricultura familiar se depara com um contexto de avanços e retrocessos. Para os assentamentos rurais, as perspectivas de titulação e a formação de um mercado de terras em áreas duramente conquistadas pelos movimentos sociais aparecem como ameaça.

Os reflexos dos avanços, bem como os recuos impostos na atual conjuntura vêm e continuam sendo registrados e estudados pelas ciências sociais rurais. Ainda que a comunidade científica tenha encontrado difíceis caminhos para expressar o conhecimento produzido, em grande parte crítico, as barreiras se avolumam pela falta de sensibilidade dos setores governamentais expressa em cortes e afunilamentos também de verbas destinadas ao ensino, pesquisa e extensão.

Entretanto, tal situação exige, dentre outras coisas, o maior esforço em prol da continuidade dos avanços, no âmbito dos direitos sociais, das políticas públicas, via movimentos sociais e sociedade civil em geral, o que deverá produzir ainda muitos e muitos capítulos. Como diria James Scott: “exploração normal, resistência normal”. Em nome dessa resistência, Retratos continua, firme e forte!

Neste contexto, o Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural tem feito esforços para manter seus compromissos com o campo de estudos rurais. Vem aí o VIII Simpósio sobre Reforma Agrária e Questões Rurais, que, em sua oitava edição terá como tema: Terra, Trabalho e Lutas no Século XXI: projetos em disputa, entre os dias 6 e 8 de junho de 2018 na UNIARA.

Já a revista, continua com sua política editorial de ser mais aberta à publicação de jovens pesquisadores, trabalhos de pós-graduandos com análises empíricas, em colaboração com seus pares. As temáticas são variadas e abarcam análises sobre o mundo rural e suas relações com o urbano, procurando, sobretudo, democratizar o acesso aos mecanismos de formação e construção de conhecimento.

A revista foi organizada em quatro blocos que revisitam temas que vêm sendo discutidos em outros volumes. O primeiro deles trata do abastecimento, da segurança alimentar e das políticas públicas, bem como

seus impasses e avanços. São discutidas criticamente as transformações no abastecimento alimentar desde a década de 1960 no Brasil, quando as megaestruturas de comercialização, como os hipermercados, passaram a dominar toda a cadeia de distribuição de alimentos, influenciando inclusive os padrões de consumo e a dieta da maioria da população.

No segundo bloco, temas como agricultura urbana, agroecologia e economia solidária fazem parte das discussões suscitadas pelos artigos. A agricultura urbana é discutida como uma experiência possível em município de porte médio, e o artigo mostra sua amplitude quando é tratada com seriedade pela gestão municipal. Ainda mais, é expressão viva de que não há fronteiras rígidas entre rural e urbano quando se trata de inúmeras experiências diferenciadas que agregam elementos do campo da economia solidária. Por outro lado, experiências como os NEAs (Núcleos de Estudos em Agroecologia), adotados enquanto política científica em editais do CNPq em parceria com ministérios, sobretudo o MDA, são provas irrefutáveis de que com baixos recursos públicos é possível transformar realidades territoriais com base na Agroecologia. Evidenciam-se experiências diferenciadas dos modelos convencionais de desenvolvimento rural, muitas vezes ignoradas pelos gestores e por parte da comunidade acadêmica.

No terceiro bloco, voltado à análise da Educação Rural em perspectiva histórica, mas também na atualidade em assentamentos e em comunidades indígenas, a cultura escolar é analisada na perspectiva de conjunturas políticas e sociais em um dos artigos que dialoga criticamente com fontes documentais. Em outro artigo, analisam-se comunidades indígenas e a construção de propostas pedagógicas para a formação de docentes, que geralmente não levam em conta a participação dos professores indígenas. Com isso, expõem-se não haver atendimento às especificidades culturais das comunidades e suas demandas políticas. Por outro lado, os autores apontam relevantes conquistas das comunidades no acesso à educação, inclusive superior, o que é digno de comemoração. Há também apresentação de um estudo de caso acerca de capacitações e cursos dados pelo SENAR em comunidade rural, objetivando-se expor as dificuldades de cursos técnicos que qualificam a produção, mas têm problemas de continuidade com outras políticas públicas e não fazem a conexão com canais de comercialização, comprovadamente um dos bloqueios para o desenvolvimento dos assentamentos.

Por fim, um bloco de artigos do fluxo contínuo que tratam de temas

diversos, mas igualmente importantes nos estudos da ruralidade. O tema da juventude aparece com um estudo empírico no sul de Minas Gerais, que enxerga a sucessão familiar enquanto um processo de transmissão do comando da propriedade, no qual o risco de dissolução é alto pela falta de planejamento familiar. O artigo põe à tona, também, os tabus religiosos, no sentido de que a sucessão é evitada pelas famílias em razão de sua associação com a morte dos pais. Em outro artigo, histórias de vida de famílias rurais são retratadas em um exercício metodológico que reconstrói a militância dos pais, alertando para dimensões poucos visíveis na luta pela terra. Encerrando o volume, e na contramão da bancada ruralista, um artigo apresenta a atuação da bancada do PT como protagonista da reforma agrária no Congresso Nacional, situação que certamente não corre por mares tranquilos.

Este volume de Retratos não quer alimentar consensos, mas sim estimular debates, analisar casos concretos, produzir críticas e a continuidade das nossas utopias. Boa leitura!

Os Editores